



## **Édipo e Castração: Aspectos atinentes a constituição do sujeito**

*Joelson Rodrigues Miguel<sup>1</sup>; Heuthelma Ribeiro Braga<sup>2</sup>*

**Resumo:** O Complexo de Édipo é um processo constitutivo de todo sujeito, por meio do qual será desenvolvida sua estruturação psíquica, já que o conflito edipiano fica registrado no inconsciente de toda criança e persiste até o fim da vida. Vale lembrar que ao longo de seu desenvolvimento, o ego da criança vai sendo preparado para a castração por meio das diversas perdas que vai sofrendo, como o ventre da mãe, o seio materno e suas próprias fezes, surge então à ansiedade de castração que é justamente o medo de ser separado de um objeto valioso. O ensaio que se inscreve através de uma revisão bibliográfica visa discorrer sobre o Complexo de Édipo e a castração como aspectos atinentes a constituição do sujeito. A pesquisa trata-se de um estudo de natureza bibliográfica, com uma abordagem qualitativa e de cunho exploratório. Compreendemos através da pesquisa que o Complexo de Édipo assim como a castração tem sido cada vez mais pesquisado, no entanto, o que se percebe é que muitos estudos têm abordado esta temática sobre várias perspectivas, mas o que chama atenção é que ainda notam-se muitas divergências quanto ao assunto. Destarte, para nós da psicanálise é muito importante compreender esses conceitos fundamentais que foram nos colocados não só de compreensão por meio da psicanálise e através da ideia de Freud mais também por teóricos como Lacan que fez um retorno ao trabalho de Freud.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Complexo de Édipo. Castração. Criança.

## **Oedipus and Castration: Aspects related to the constitution of the subject**

**Abstract:** The Oedipus Complex is a constitutive process of every subject, through which its psychic structure will be developed since the oedipal conflict is registered in the unconscious of every child and persists until the end of life. It is worth remembering that throughout its development, the child's ego is

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción PY (2012), Pós-Doutorado pela Universidade Autónoma de Asunción PY (2020) e Pós-Doutorando pela Florida Christian University (2017). <http://lattes.cnpq.br/1661535820729067>. joelsonrmiguel@hotmail.com;

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia – Unipê (1995); Curso de Especialização em Psicologia Educacional UFPB 360h (2001); Mestre em Psicanálise e Literatura PPGL / UFPB (2021); Membro do Corpo Freudiano João Pessoa/PB (2021); Membro do Grupo de Pesquisa - LIGEPSI- UFPB( 2021).

being prepared for castration through the various losses it suffers, such as the mother's womb, the mother's breast, and her own feces, then the castration anxiety that is just the fear of being separated from a valuable object. The essay that is inscribed through a literature review aims to discuss the Oedipus Complex and castration as aspects related to the constitution of the subject. The research is a bibliographical study, with a qualitative and exploratory approach. We understand through the research that the Oedipus Complex as well as castration has been increasingly researched, however, what is perceived is that many studies have addressed this issue from various perspectives, but what draws attention is that it is still noticed. many disagreements on the subject. Thus, for us in psychoanalysis it is very important to understand these fundamental concepts that were brought to us not only through psychoanalysis and through Freud's idea, but also by theorists such as Lacan who made a return to Freud's work.

**Keywords:** Psychoanalysis. Oedipus complex. Castration. Kid.

## **Introdução**

O ensaio que se inscreve através de uma revisão bibliográfica visa discorrer sobre o Complexo de Édipo e a castração como aspectos atinentes a constituição do sujeito. Sobre essa ótica é possível compreender inicialmente que essa temática cada vez tem sido investigada, porém sobre inúmeras perspectivas, o estudo presente tem entre outras finalidades ampliar ainda mais a discussão e desvelar outras compreensões e concepções expressas sobre especialistas da área, sendo eles clássicos e modernos, o que implica dizer que se configura numa visão ampla e contextualizada da temática. Como qualquer outra área de conhecimento humano, a psicanálise se delinea em torno de determinados conceitos básicos e originais, que lhe atribuem uma identidade própria.

Nesse sentido, é importante salientar que determinados são fundamentais, a exemplo do Complexo de Édipo, da Castração. Vale frisar ainda que o Édipo e a castração ainda há uma variedade de concepções e gerado por mito, por esta razão que o estudo contribui para desmistificar algumas incongruências acerca do que compreende o campo da psicanálise. O mito de Édipo foi magistralmente escrito por Sófocles na sua tragédia teatral Édipo Rei, em que ganhou uma inextinguível proeminência pelo fato de que suscitou Freud a estudar este mito. Muitos estudos têm contribuído significativamente para o âmbito social, além disso, é preciso entender que essa discussão não é recente, tendo em vista a multiplicidade de repertórios, concepções, narrativas em especial no campo psicanalítico.

Os debates referentes ao Édipo e a castração tem desvelado contornos promissores e tem apresentado na atualidade, novas e recorrentes investidas. Mesmo intencionando revelar

algumas perspectivas relacionadas à psicanálise, compreendemos ser impossível contemplar toda a complexidade e/ou questões que corroboram para a constituição do sujeito, mas sem dúvida nos incita a refletir e a desmistificar muitos conceitos que foram apregoados socialmente em relação ao Édipo e a castração. No entanto, a experiência desse estudo, auxiliou na [des]construção dos autores que escreveram esta obra, a contribuição dos estudos de Freud incitaram significativamente para o desenvolvimento desse estudo, como também das contribuições de Melanie Klein e Wilfred Ruprecht Bion.

Nesse sentido, o estudo está dividido especialmente em quatro tópicos essenciais (Complexo de Édipo, O papel da castração como fator estruturante no desenvolvimento do sujeito, Psicanálise de criança, as estruturas clínicas – neurose, psicose e perversão), além é claro da metodologia e das considerações finais.

## **Complexo de Édipo**

Sigmund Freud usa o termo Complexo de Édipo na sua teoria de estágios psicosssexuais do desenvolvimento para descrever os sentimentos da criança de desejo pela mãe e ciúme em relação ao pai, essencialmente o “menino”, uma vez que este se sente em concorrência com o pai por posse da sua mãe, o menino ver o pai como rival para as atenções e afeto da mãe. Na Teoria Psicanalítica, o Complexo de Édipo se refere ao desejo amoroso da criança pelo pai do sexo oposto, Freud sugeriu que o Complexo de Édipo desempenha um papel importante na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual.

Em contribuição a isso, também se faz necessário frisar que a conclusão dessa etapa envolve a identificação com o pai do mesmo sexo, o que acabaria por levar ao desenvolvimento de uma identidade sexual madura. De acordo com Freud o menino deseja possuir a sua mãe e substituir o seu pai, que a criança vê como um rival pelo afeto da mãe, o Complexo de Édipo ocorre na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual entre as idades de 3 a 5 anos, a fase fálica serve como um ponto importante na formação da identidade sexual.

Nesta concepção, de acordo com o entendimento de Farias, Nantes e Aguiar (2015):

O desejo do menino em relação à mãe acaba fazendo com que seja gerado certo conflito em relação ao pai, pois o menino acaba vendo o pai como um rival, e isso acaba fazendo gerar a figura de um pai que seja punitivo, aplicando-lhe castigos. Esse medo faz com que o menino acredite que a punição que o pai lhe aplicará será referente aos seus órgãos genitais, já que eles são a fonte do desejo sentido pela mãe. Esse medo justifica-se por acreditar que o rival tire os órgãos genitais por ciúme, e

isso leva o menino ao medo da castração, que faz com o menino comece a reprimir o desejo sexual que apresenta em relação à sua mãe [...] (FARIAS; NANTES; AGUIAR, 2015, p. 9).

Já em relação à etapa análoga para as meninas é conhecida como o Complexo de Electra em que as meninas sentem desejos por seus pais e ciúmes de suas mães, este complexo relacionado às meninas apresenta-se em contraste com o Complexo de Édipo, além disso, há incoerências e inconsistências teóricas para explicar o Complexo de Electra, estes e outros motivos ajudam a entender o porquê de Freud se recusar a usar esse termo. Freud propôs pela primeira vez o conceito de Complexo de Édipo em seu livro “A interpretação dos sonhos” em 1899. Embora não tenha formalmente começado a usar o termo até o ano de 1910, o termo foi nomeado por causa do personagem de Sófocles, o Édipo Rei, que acidentalmente mata seu pai e casa com a sua mãe.

Ainda em relação ao uso do conceito de Complexo de Édipo, Barretta (2012) contribui que o mesmo:

[...] foi descoberto por Freud em sua autoanálise e as primeiras referências explícitas sobre ele se encontram, como se sabe, em sua correspondência com Fliess (cf. Carta de 15 de outubro de 1897). Esse tema reaparece em inúmeros outros textos, e possui em Freud o estatuto de complexo nuclear das neuroses, além de ser um fenômeno universal, presente em indivíduos saudáveis e neuróticos, esses apenas em uma “escala ampliada de sentimentos de amor e ódio pelos pais” [...]. Assim, o que difere em um neurótico não é a presença das fantasias edípicas, mas o elemento quantitativo, a intensidade dos afetos (BARRETTA, 2012, p. 159).

É importante considerarmos nessa discussão que a fim de desenvolver um adulto bem-sucedido com uma identidade saudável, a criança deve identificar-se com o genitor do mesmo sexo. Com a finalidade de resolver o conflito desse Complexo, Freud sugeriu que enquanto o “Id” primitivo quer eliminar o pai, o “Ego” mais realista sabe que o pai é muito mais forte, de acordo com Freud o menino então experimenta o que o mesmo chama de “Angústia de Castração”, o medo literal e figurativo. Compreender como o Freud se dar o complexo de Édipo é extremamente necessário tendo em vista que é uma temática que em sua maioria gera muitas dúvidas.

Freud acreditava que, quando a criança se torna ciente das diferenças físicas entre homens e mulheres, ela assume que o pênis do sexo feminino foi removido, e que o seu pai também vai castrá-lo como um castigo por desejar a sua mãe, a fim de resolver o conflito, o menino identifica-se com o seu pai, é nesse ponto que o Superego é formado. O superego torna-se uma espécie de autoridade moral interna, uma internalização da figura paterna que se esforça

para reprimir os impulsos do Id e fazer o Ego atuar em cima dessas normas idealistas (FIORINI, 2014).

Ainda há na literatura diversas compreensões sobre o complexo de Édipo, o que incita cada vez mais em discorrer sobre pesquisas que venham a fazer algumas releituras sobre a temática, objetivando uma compreensão para além do que nos foi explicitado. Principalmente para que os pais e mães venham a entender como lidar com essa fase apresentada nas crianças. Destarte, as teorias de Freud em relação aos estágios psicosssexuais, o inconsciente e o simbolismo dos sonhos permanecem sendo um tema popular entre os psicólogos e os leigos, além disso, exerce forte influência na construção de uma base teórica envolvendo a fase de desenvolvimento da criança. Torna-se necessário entender o Complexo de Édipo de forma despreendida de estereótipos, pois mesmo sendo uma referência no campo da psicanálise, o seu trabalho ainda é visto hoje com ceticismo por muitos.

Segundo apontam Zanetti e Höfig (2016) quanto ao Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade:

As sociedades vêm se transformando às custas de dificuldades na reorganização de vidas e de estruturas psíquicas, mas podemos perceber benefícios também nestas modificações. Sociedades menos rígidas, mais democráticas e, sobretudo, que garantem maior liberdade ao sujeito. Se hoje a família não se organiza mais em torno do pai e com isso se movimenta a base na qual se alicerçava o complexo de Édipo, hoje temos novas possibilidades de organização familiar e maior flexibilidade em torno das funções (ZANETTI; HÖFIG, 2016, p. 707).

Em contribuição a isso, podemos considerar que vivemos um momento sem precedentes e o futuro terá que ser planejado, isso requer esforços, contudo, por outro lado, é relevante que exista uma possibilidade de inovação, de produção, de originalidade. Muitas das observações e teorias de Freud foram fundamentadas em casos clínicos e estudos de casos, o que implica dizer que impediu sua generalização para uma população maior. No entanto, independentemente desse aspecto suas teorias puderam ser capazes de mudar a forma como pensamos sobre a mente bem como sobre o comportamento humano, deixando sua marca na psicologia e na cultura.

No ponto de vista de Moreira (2004, p. 1) o complexo de Édipo para a teoria psicanalítica é o momento decisivo da constituição do sujeito situa-se no contexto da cena edípica. “Dessa forma, o Édipo não é somente o “complexo nuclear” das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexuação”. Neste sentido, será com base no Édipo que o sujeito irá construir e organizar o seu virar ser,

especialmente em torno da distinção entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração.

Corroborando com este pensamento, se faz necessário pontuar que o movimento que assegura o complexo de Édipo como basilar na estruturação do indivíduo e a sua decorrente importância incontornável na teoria psicanalítica, igualmente apregoa, concomitantemente, a presença irreduzível do outro na formação do sujeito. É importante considerarmos que na perspectiva Freud a partir da escuta de suas pacientes histéricas, o mesmo abandonou a teoria do trauma bem como da sedução, o que resultou também na descoberta da fantasia. A partir de então, não são mais proeminentes somente os fatos reais da infância, contudo, especialmente, a realidade psíquica, composta pelos desejos inconscientes como também pelas fantasias a ela ligadas, tendo como alicerce a sexualidade infantil.

Destarte, acontece ainda uma transformação no conceito de infância, que deixa identificada de ser vista a partir de um registro genético e cronológico para ser abordada pela lógica do inconsciente. Considerando esse entendimento, do ponto de vista de Teixeira (2017):

Em suas teorias sobre a sexualidade infantil, Freud aponta para o caráter incestuoso considerando que o primeiro objeto sexual desejado pela criança é a mãe. Este primeiro objeto sexual proporciona para a criança uma satisfação prazerosa que podem ser reproduzidos autoeroticamente ou podem ser conservados. Além do prazer mediante a estimulação da zona erógena oral, a mãe satisfaz a criança com investimentos amorosos ao amamentá-la. A relação com o objeto amoroso é utilizada como base de investimento libidinal, do qual deriva a projeção da criança para quem cuida dela (TEIXEIRA, 2017, p. 22).

Ainda em relação ao caráter incestuoso da sexualidade infantil ao estabelecer o seio materno como sendo o primeiro objeto sexual e, no percurso do desenvolvimento da criança, usar da afinidade com objeto como base para as relações que são construídas amorosas tem, como direção, ser barrado. Além disso, por exigências culturais-sociais, esses desejos sexuais que são construídos pela mãe serão concentrados por determinações da norma social que impede que o presente desejo sexual seja materializado. A obra “Totem e Tabu” datada de (1913) publiciza e explicita de forma mais contextualizada essa abordagem sobre o impedimento da materialização de um possível desejo sexual infantil, a obra é apresentada por Freud.

De acordo com o pensamento de Costa (2010) no que se refere ao efeito traumático está atrelado devido à criança ser confrontada,

[...] passivamente com a sexualidade do adulto. Através dos cuidados e do desejo maternos, a criança será introduzida no campo da sexualidade, pois é pelo contato com a mãe, ou de seu substituto, que o corpo do bebê será erogeneizado. Mas a revolucionária posição freudiana só será apreendida, em todo o seu alcance, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, quando Freud pôs em xeque as concepções moralizantes sobre a atividade sexual das crianças, algo que já havia sido acenado na correspondência com Fliess. Desse modo, Freud apresentou ao mundo uma nova criança, dotada de uma sexualidade erverso-polimorfa (COSTA, 2010, p. 18).

Muitos estudos têm nos últimos anos se debruçado sobre o complexo de Édipo numa possibilidade de fazer algumas releituras sobre como este é entendido no contexto atual, tendo em vista as mudanças sócio-históricas como bem a forma como os especialistas no mundo contemporâneo vem entendendo o complexo de Édipo, pois é assunto que sempre gera uma série de debates. É preciso considerar que os especialistas que hoje têm abordado o Édipo devem entender toda uma conjuntura e analogia criada por Freud para poder explicar e esclarecer essa relação construída entre o/a filho(a) e os pais, além disso, muito do que Freud descobriu e publicizou contribuiu sobretudo para a incitação de novas pesquisas assim como para a possibilidade de outras óticas com relação a essa relação extremamente compreensível e dialógica entre esses indivíduos.

Sobre essas explicações Corsi (2019) traz que:

Na metapsicologia freudiana, que acreditamos ter surgido em seu primeiro grande livro, Sobre a concepção das afasias, o conceito de representação vem a veicular-se qual peça basilar para a articulação de concepções ricas concernentes às características de funcionamento do psíquico. Assim, foi tendo em vista esse conceito, conforme houve o denso e tão frutífero desenrolar das ideias na década de 1890, que ele considerou a existência de representações inconciliáveis no âmbito psíquico – permitindo extrair conclusões psicopatológicas (e etiológicas) fundamentais para a psicanálise (CORSI, 2019, p. 11-12).

Freud tem sido estudado por muitos especialistas visando aprofundar cada vez mais esse universo do Édipo, ao procurar na literatura estudos com essa temática é possível encontrar uma multiplicidade de estudos que vem discorrendo sobre esse assunto, porém é preciso ter a consciência crítica de que o que Freud trouxe pode ser questionado, problematizado e colocado em discussão, mas é impossível negar a contribuição que seus estudos têm para a psicologia e para o conhecimento. Outro ponto que merece ser frisado é que se faz necessário entender o contexto atual para não cometer equívocos quando a proposta é estudar sobre o complexo de Édipo, castração, a fase infantil, e outros aspectos que imbricados nas narrativas e estudos expressos por Freud.

Freud descreve que esse processo com relação ao complexo de Édipo vai ocorrer dentre os 3 aos 5 anos de idade tanto no menino quanto na menina, ou seja, que de algum modo estes irão passar pela fase do complexo de Édipo, sendo também uma fase. Como já explicitado anteriormente o complexo de Édipo para muitos é muito difícil de entender, por isso que gera fortes debates, até mesmo no meio psicanalítico, uma vez que há muitas visões quanto a esse processo assim como a forma que é expressa em vários estudos. Não podemos perder de vista quando falamos de complexo de Édipo uma das características fundamentais que é a triangulação, ou seja, a relação constituída entre o menino e/ou menina e suas figuras parentais (mãe e pai) (ROSA, 2009).

Contudo, hoje com as várias constituições de famílias é possível incluir nesse processo também de triangulação, ou seja, que não necessariamente precisa ser um e uma pai na constituição da família e/ou para explicar como se dar o complexo de Édipo, esse aspecto precisa ser ainda mais difundido, visto que ainda é notório os desafios que os novos modelos de família tem enfrentado, especialmente por causa do conservadorismo que tem amputado cada vez mais a expressão e os processos de adoção de crianças por casais do mesmo sexo, bem como não aceitam que a constituição de que uma família pode ser uma mãe que cria o filho sozinha ou que mora com seus pais e cria seu filho, além também daquelas famílias formadas por avós.

Nesse sentido, para Teixeira (2017):

Além das mudanças na organização funcional de uma família, onde os papéis e valores exercidos por cada membro dela perde o caráter patriarcal e uma maior igualdade começa a ser difundida, houve mudança na organização estrutural das famílias onde o que se vê é a mudança na composição do ambiente familiar. A crescente discussão acerca da adoção de crianças e adolescente por casais do mesmo sexo mobiliza a discussão acerca da conceituação de “família”; historicamente definida como a união entre um homem e uma mulher e seus filhos (TEIXEIRA, 2017, p. 36).

Esses contextos e aspectos precisam ser contextualizados, principalmente por causa do contexto atual de mudanças e de novos desafios envolvendo as constituições de família. Por esta razão que cada vez mais estudos como esses carecem ser ainda mais debatido e ampliado, corroborando os processos formativos e para abertura de novas concepções e novos entendimentos no que diz respeito ao conceito de família.

## O papel da castração como fator estruturante no desenvolvimento do sujeito

Para compreendermos sobre o conceito de castração se necessário voltarmos um pouco no tempo, uma vez que foi em 1908 que Freud trata pela primeira vez sobre o complexo de castração nos meninos. Vale destacar que o complexo de castração foi descoberto/percebido por Freud com base na análise de um caso de fobia de um menino de 5 anos, o “Pequeno Hans”. Na concepção de Freud esse processo psíquico acontece em quatro momentos e/ou tempos, até a sua resolução. Do outro lado temos o complexo de castração na menina, endossado por vários pontos em comum com o do menino. Um exemplo dessa similaridade é que a garota também parte da premissa de que todos têm um pênis.

Igualmente, a mãe ocupa um papel importante na sua vida, é ponto central de todo o seu amor. Contudo, o processo segue um caminho dessemelhante. Importa saber que o conceito de castração na psicanálise, não representa à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, entretanto indica uma experiência psíquica completa, de maneira inconsciente vivida pela criança em torno dos 5 anos de idade, e determinante para a efetivação da sua futura identidade sexual. É importante entender que o complexo de castração não se restringe a um mero momento cronológico na sexualidade infantil.

Ampliando um pouco mais sobre o conceito de castração, sobre a ótica de Santos (2018):

A castração não deixa de ser um corte, uma perda simbólica, possibilitando a saída da criança do narcisismo ingressando-o em um novo tempo, sendo esse do reconhecimento do outro. Para Freud a castração tem referência nos tempos da horda primitiva, na qual os filhos eram castrados pelo pai, para este, poder possuir todas as mulheres para si. Vivências de desmame e a separação da criança da mãe ao nascer irão se produzir em uma relação dual entre este filho e a mãe. As vivências de castração acontecem quando um terceiro entra nesta relação, proibindo a ligação dual da mãe com o filho (SANTOS, 2018, p. 24).

A experiência inconscientemente da castração é permanentemente renovada por toda a vida à existência e particularmente em jogo na cura analítica do paciente adulto. O complexo de castração compreende, ao mesmo tempo com o complexo de Édipo, a base onde à estrutura dos desejos que constitui o sujeito na sua relação com o mundo atua a sua subjetividade. Neste sentido, identificar que os limites do corpo estão aquém dos seus desejos é reconhecer o rompimento do sentimento de impotência que o eu persiste em cada vez mais se fortalecer, na nossa relação que construímos de forma imaginária com o outro.

Do ponto de vista de vários autores e autoras que se dedicam cada vez nesse universo, a exemplo de Moreira e Borges (2010):

As meninas se deparam com a castração no real do corpo. Verdade que possibilita, segundo a teoria freudiana, a entrada no Édipo. E os meninos, por sua vez, se encontram com a angústia de castração que viabiliza o declínio do Édipo. Ou seja, a castração para o menino é uma ameaça que pode ser driblada. Mas em que momento da trama existencial o menino poderá se encontrar com essa verdade para além do campo da ameaça?. [...] a castração é, ao mesmo tempo, castigo e promessa. Castigo para punir a transgressão da lei; e promessa de realização humana, porque só ela possibilita a passagem da ordem imaginária para a ordem simbólica (MOREIRA; BORGES, 2010, p. 74).

Estabelecer-se sujeito desejante, na sua origem, por meio da iminência da castração para o menino e da inveja do pênis para a menina é fixar os pés na existência tendo-a abalizada pelo trauma que concentra o desejo incestuoso do objeto para sempre perdido, a mãe (papel materno). É a carga do processo civilizacional, a operar por meio da estrutura edípica, que estabelece ao sujeito humano a resistência das suas pulsões, instituindo-o como sujeito. Neste sentido, o complexo de castração, do mesmo modo que o de Édipo atua nas escolhas objetais até o fenecimento da nossa existência. É por meio da fantasia irrefletida de castração que o complexo localiza a sua principal passagem para estruturar o sujeito.

É preciso entender que é no terror da angústia inconsciente de castração que reside a gênese das manifestações neuróticas. Em meio a esse contexto, as fobias, medos e sintomas múltiplos, que aparecem no plano consciente, são apenas mecanismos de defesa contra a manifestação desta angústia que nos é insustentável. Vale destacar que Freud examinou que a criança ao analisar a mãe nua, ao invés de notar os órgãos sexuais da mulher, decodifica a vagina como falta, a mãe é enxergada como castrada (ZAIDAN, 2019). Assim sendo, os sexos distinguem-se conforme a percepção da presença e/ou ausência do pênis. Deste modo, o sexo feminino é decodificado como sendo castrado.

Freud compreende, portanto, que na ligação mãe-filho, o complexo de Édipo faz intervir um terceiro termo, que o mesmo designa de função paterna. Esta está profundamente concernente à lei. Logo, entender a mãe como castrada significa reconhecer a castração do outro. Denota reconhecer que ela é um ser limitado, quer dizer, um ser submetido à lei. O menino, devido à intimidação da castração, e, por receio de perder o seu pênis, o que provocaria numa perda da integridade narcísica, terá que rejeitar à mãe.

Corroborando com o que foi explicitado anteriormente, na perspectiva de Hausen (2013):

A suposição de uma genitália idêntica entre os sexos é um pressuposto de verdade entre as crianças, afirma, é uma das teorias sexuais infantis usadas para dar conta do enigma do nascimento, da questão oferecida pela esfinge: afinal de contas, quem sou eu? Ao perceberem a diferença anatômica, nesse tempo ainda tomando equivalência clitóris/pênis, pressupõem-na devida à castração: aos meninos é oferecida a possibilidade de preservarem seu órgão obedecendo à ordem paterna; às meninas fica o lamento e a certeza de haverem perdido aquele que era o único órgão conhecido (HAUSEN, 2013, p. 47).

Nesse contexto extremamente necessário, para que possamos compreender o conceito de castração é preciso também considerar que a menina, o reconhecimento de que à mãe falta o pênis, em outras palavras, de que ela é reservada do “phalo”, fazendo assim com que a menina entre no Édipo e volte-se para o pai. Ambos, por conseguinte, menina e menino, ao conhecerem a ausência na mãe passam a ter a falta inscrita no seu próprio ser. Destarte, conhecer a castração denota estabelecer-se no tocante, à própria ordem simbólica, na qual o phalo é a pedra basilar.

Na percepção de Moreira (2004):

O falo é o único significante da sexualidade e, por isso, a teorização psicanalítica considera apenas a existência da masculinidade, sendo a feminilidade apresentada como um enigma que aparece na puberdade. Diante dessa ausência de significante, a menina vivenciará um destino diferente na trama edípica. A angústia de castração que promove o declínio do Édipo no menino, na menina representa a sua possibilidade de entrada no drama edípico (MOREIRA, 2008, p. 225).

Conforme a psicanálise, contudo, para que se possa desejar é imprescindível que haja falta. Assim sendo, poder-se-á assegurar que apenas existe desejo se houver castração. Essas e outras questões carecem serem explicitados e publicizadas, contribuindo cada vez mais para o entendimento sobre a castração e tudo que está em volta. Compreender a castração se faz necessário para que possamos desmistificar bem como esclarecer muitas dúvidas e incoerências que infelizmente se tem quando é abordado este conceito, por essas e outras razões que se torna essencial proceder com estudos a exemplo desse que se inscreve, numa possibilidade de contribuir de forma intencional e científica com as produções, e inegavelmente com a ampliação e novas potencialidade que são necessárias para uma compreensão acerca desse contexto envolvendo o complexo de Édipo e a castração.

A dificuldade de compreensão sobre essa temática acontece por diversas razões, um dos principais fatores que levam as pessoas a não compreenderem adequadamente o complexo de castração é o fato de que principalmente hoje em dia muitas pessoas leem os textos de Freud com os óculos da sua ideologia política, e acabam não compreendendo que de fato o pai da psicanálise quis dizer nos seus textos, mas colocando no texto de Freud uma interpretação

completamente politicamente enviesada. Outra razão pela qual as pessoas têm uma dificuldade para compreender o complexo de castração é o fato de que leem as experiências que Freud descreve sob esse conceito como experiências de ordem estrutural (SANTOS, 2017).

Entendem o complexo de castração como algo que permanece estruturalmente na vida de todas as pessoas, e não como uma etapa do amadurecimento na qual o sujeito pode ficar fixado ou não. Destarte, nós temos em psicanálise, poderia se dizer assim, uma divisão básica entre teorias psicanalíticas que consideram que todos são neuróticos e, portanto, todos padecem em menor ou maior grau dos mesmos problemas básicos e fundamentais, e outra parte do campo psicanalítico que considera que os seres humanos caminham por um processo de amadurecimento e certas experiências vivenciadas na infância não necessariamente mantêm inalteradas ao longo da vida adulta.

Problematizando ainda mais a discussão sobre o conceito de castração, Nasio (2017) em sua obra “Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa” diz que:

Em que consiste então a castração? Ela é acima de tudo a idéia de um perigo, o perigo imaginário inventado por um neurótico e que ele deve imperiosamente afastar. É ao querer salvar seu ser vital e estar sempre de prontidão que o neurótico sofre por ser neurótico. Por conseguinte, é sempre o medo da castração, e nunca a castração em si, que está na origem dessa crispação que é o sofrimento neurótico (NASIO, 2017, 109).

É preciso em primeiro lugar entender o que é um complexo, a palavra complexo no sentido psicanalítico foi cunhado por Carl Jung quando ainda era um associado próximo de Sigmund Freud, integrou o movimento psicanalítico, mas foi expulso da psicanálise por Freud porque o mesmo começou a fazer certas proposições teóricas que do ponto de vista de Freud não se coadunavam, ou seja, não eram compatíveis com as premissas básicas da psicanálise. Carl Jung não quis reformular as suas proposições e acabou sendo expulso do movimento psicanalítico por Freud, inaugurando uma outra matriz psicológica chamada “Psicologia Analítica”.

De acordo com Penna (2005):

A Psicologia Analítica transcendeu o âmbito da psicoterapia e tem sido aplicada em outras áreas do conhecimento, tais como pedagogia, sociologia e história comparada das religiões, entre outras. Cumpre salientar, no entanto, que o valor e reconhecimento da psicologia junguiana permanecem, ainda, estreitamente associados ao método psicoterapêutico como área de maior concentração, até hoje, de estudos e pesquisas. No entanto, para que sua aplicabilidade realmente se estenda para além do âmbito clínico é necessária a formulação de uma metodologia de pesquisa própria desse paradigma (PENNA, 2005, p. 76-77).

Quando ainda fazia parte do movimento psicanalítico criou o conceito de complexo, criou-o como qualquer conceito pra dar conta de uma determinada experiência, a experiência que ele observava com seus pacientes, Jung observava assim como Freud e todos os psicanalistas da época que certas representações mentais/pensamentos se articulavam e/ou associavam em torno de um determinado tema comum, havia uma determinada questão nuclear na qual certos pensamentos se organizavam em torno. Esse conjunto de pensamentos que se organiza em torno de uma determinada questão, foi denominado por Jung e incorporado ao vocabulário psicanalítico.

Portanto se nós queremos compreender o que é o complexo de castração, a primeira coisa que nós devemos ter em mente é que o complexo de castração é um conjunto de ideias/representações, de pensamentos que giram em torno de um determinado tema comum, no caso específico do complexo de castração o tema é a diferença sexual entre homens e mulheres. Freud a partir da experiência clínica com seus pacientes, o mesmo observou que essa experiência da descoberta da diferença sexual entre homens e mulheres se dá inevitavelmente sob o signo da castração, da ideia de castração, e isso por uma razão clara, uma vez que as crianças não nascem sabendo que homens e mulheres são diferentes, elas vão descobrindo de acordo com Freud por volta dos 3 ou 4 anos de idade, mas pode acontecer um pouco depois ou antes (SENA, 2018).

O menino a princípio acredita que todos os seres possuem corpos como o dele, ou seja, com pênis, a menina por sua vez também compreende dessa maneira, que todos os corpos são como ela, que possui um corpo sem pênis, mas com a organização genital própria da menina, que ela ainda não conhece com o nome de vagina ou de vulva. Quando o menino se depara com o corpo feminino (nu) e a menina se depara com o corpo masculino (nu), e isso inevitavelmente acontece na vida das crianças seja pelo contato com o irmão, primos ou com os próprios pais, o menino quando se depara com a diferença sexual a conclusão é de que a menina é incompleta, que a menina falta alguma coisa e que provavelmente ela sofreu uma mutilação, foi castrada por isso ela não apresenta o pênis.

Conforme Calligaris (1989) trata da questão:

[...] da castração, ou seja, da distribuição da significação sexuada do lado feminino ou masculino. A primeira significação que um sujeito neurótico deve à função paterna é da ordem da sua sexuação simbólica, como homem ou como mulher. É o sentido mesmo do que Freud chama de castração. Um sujeito psicótico, confrontado com a injunção de referir-se a uma função paterna, à mesma função à qual os neuróticos se

referem, vê esta função enquanto tal voltar no Real. No caso do transsexualismo, ele logra a construção de uma metáfora de um tipo neurótico, no Real mesmo (CALLIGARIS, 1989, p. 37-38).

Vale destacar que graças a uma série de outras experiências que o menino geralmente vivência, principalmente em função do prazer que ele obtém manipulando o seu órgão sexual acaba chegando à conclusão de que a menina sofreu um dano no seu corpo, perdeu o pênis. Esse pensamento surge no menino justamente pelo fato de não possuir o conhecimento científico anatômico. Então, o menino ao perceber que a menina não possui o pênis ele passa a experimentar o que Freud chamou de “angústia de castração”. Quanto à menina, por sua vez acredita que todos os seres são como ela, não possui um pênis, mas possui a genitália, quando a menina se depara com o corpo masculino (nu) inevitavelmente chegará à conclusão assim como o menino que ela sofreu um dano.

De acordo com vários estudos como, por exemplo, de Santos e Costa-Moura (2013) sinalizam que:

Longe de irromper na falta simbólica da castração ou na perda do objeto, a dimensão da angústia concerne a um instante evanescente onde o objeto não falta. A instabilidade desse momento provém de sua necessidade lógica, ou seja, se há alguma falta simbólica operando na neurose, ela só pôde ser legitimada pelo atravessamento da angústia. O objeto da angústia não é simplesmente um objeto perdido, ele foi perdido sem que o sujeito o tivesse; é nesse ponto preciso que se compõe sua pregnância real. Se o sujeito pode fazer dessa falta desejo, o objeto em perda também pode retornar com o engolfamento dessa falta, mostrando, com a tonalidade angustiante que lhe é própria, o preço que se pagou para que o desejo fosse causado (SANTOS; COSTA-MOURA, 2013, p. 934).

Entretanto, evidentemente sabe que não foi castrada, chegará à conclusão de que nasceu castrada, ou seja, de que nasceu incompleta/faltosa e, portanto, da mesma maneira que o menino se considerará superior porque ele nasceu completo e ficou completo enquanto a menina sofreu uma castração, a menina por sua vez concluirá que ela é inferior por ter nascido sem o pênis e que o menino é superior por ter nascido com o pênis. Contudo, se compreendermos a castração a luz de uma perspectiva do ser humano com base na ideia de um amadurecimento e não de estrutura, implica dizer que se o ambiente à volta do menino é suficientemente acolhedor e que compreende o momento pelo qual a criança está passando de descoberta da diferença sexual e se o ambiente nesse momento permite à criança vivenciá-lo sem medo.

Por isso que o medo de ser castrado passará pouco a pouco a não mais existir, porque graças à facilitação do ambiente e do acolhimento o menino perceberá que o fato dele possuir o pênis não o torna superior à menina, não o torna completo em oposição a uma suposta incompletude da mulher, e por outro lado fará que o medo de ser castrado é meramente uma

fantasia, crescera saudável emocionalmente e não se sentirá com medo de perder o pênis ou perder tudo aquilo que simbolicamente estará ligado a posse do pênis. Do lado da menina, caso o ambiente seja acolhedor, compreensivo e ajudá-la a elaborar essa experiência de contato com a diferença sexual pouco a pouco perceberá que o fato de não possuir o pênis não significa absolutamente nada (MILLER, 1988).

Destarte, que não possuir um pênis não a torna incompleta, assim, perceberá com a ajuda facilitadora do ambiente que ela veio ao mundo completa e que a sua genitália, os seus órgãos sexuais não são uma falta em relação ao órgão genital do homem. A mulher então crescerá reconhecendo a sua feminilidade não como algo inferior ao masculino, mas como algo complementar, como algo meramente diferente do masculino.

### **Psicanálise de criança**

A Psicanálise de criança é um campo vasto, repleto de variedades de entendimento e com uma nobre e longa história dentro da psicanálise. Podemos lembrar os dois grandes modelos iniciais, o modelo de Anna Freud, que pensava numa psicanálise com crianças como uma variação da educação e o modelo de Melanie Klein que pensava a psicanálise com criança tornando-a podemos dizer assim como qualitativamente semelhante à análise com adultos. Klein acreditava que a criança não fala no sentido da associação livre, não verbalizada na mesma forma que o adulto, mas o brincar dela é um equivalente formal da associação livre. Desta forma, escutamos o brincar da criança como escutamos a associação livre do adulto.

A autora também acredita que a transferência não tênue, incipiente e/ou que ela não esteja sujeito a muita deformação, mas ela é muito intensa e imediata na psicanálise com crianças, e por isso mereceria uma técnica específica de interpretação mais imediata e mais focada na angústia que aparece e se exterioriza naquele encontro o durante a sessão o psicanalista. A tradição lacaniana ela incorpora essa discussão em torno da formação o símbolo de um lado, e da formação do “eu” do outro, além disso, entende que a psicanálise com crianças deve colocar em primeiro plano o fato de que a criança é antes de tudo um sujeito.

Autores como, por exemplo, Formigoni (2013) que se debruça aos estudos com relação ao sujeito e psicanálise com crianças, destacam e ampliam a discussão trazendo que:

A partir dessa relação com o outro que funda sua própria imagem, nasce também o desejo do sujeito. Trata-se do desejo inconsciente, elemento essencial da experiência humana, estritamente sexual, que emerge na linguagem e somente articulado à palavra pode ter existência e ser reconhecido. É apenas nomeado e formulado na presença do

outro que o desejo é reconhecido como tal, pois “antes que o desejo aprenda a se reconhecer pelo símbolo, ele só é visto no outro. Na origem, antes da linguagem, o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro [...]” (FORMIGONI, 2013, p. 68).

Importa saber que no tocante ao infantil, a ideia de que a criança é um ser em evolução e de que ela vai vir a ser, surge à ideia de que enquanto adultos deveria acomodar algumas coisas que ela não é propriamente um sujeito, a psicanálise de orientação lacaniana questiona pessoa bastante esse pensamento, dizendo que desde o começo devemos tomar a criança na sua divisão específica, nos seus modos de alienação, a configuração a paterna, é próprio dos dois grandes expoentes da psicanálise com crianças de orientação lacaniana, uma proveniente de Françoise Dolto, amiga e colaboradora de Jacques Lacan desde o começo e que desenvolve na “Maison Verte” uma experiência original acolhendo as crianças e lendo a sua produção gráfica.

No entendimento de Motta, Silva e Castro (2010):

A psicanálise da criança remete os adultos às suas dores e medos. Impede-se a análise da criança porque existe esse horror ao que está esquecido e inconsciente. Enfrentar as feras esquecidas da erotização e da agressividade desgovernadas e destrutivas que agem silenciosamente a serviço da pulsão de morte, não é tarefa fácil. Não se quer saber do que causa incômodo e opõe-se primitivamente diante da possibilidade do novo e da oportunidade de mudar. Para isto, é preciso dar-se conta das questões edípicas, das marcas que denunciam as fixações sadomasoquistas (MOTTA; SILVA; CASTRO, 2010, p. 93).

E, por exemplo, introduzindo a ideia de que a criança pode pagar com a sua produção, com o seu próprio dinheiro algo pelo tratamento, introduzindo essa ideia de que a criança está envolta com uma grande problemática que é a verdade, ela de certa forma sempre sabe do casal parental, da constelação familiar, mas ela precisa de uma espécie de referência para isso. Então um dos grandes temas de Françoise Dolto é essa ideia de como contar, favorecer e/ou permitir que a criança encontre o seu tempo nesse trajeto em relação à anunciação da verdade, na verdade do outro e na verdade do desejo que a toca. Fazer essa contextualização para ir delimitando conceitos e ideias que são e estão sendo exploradas na literatura através das lentes de muitos estudiosos no campo de psicanálise promove o incentivo e a busca por outras fontes e entendimentos atinentes a constituição do homem assim como da mulher.

Vale destacar também a grande importância de outra continuadora de Jacques Lacan que é Maud Mannoni, que trabalhou com crianças autistas mostrando como a psicanálise consegue alterar a rota dessas crianças, tirá-las de estado autístico, consegue fazer tudo isso como uma escutar presente, cuidadosa, atenta é que não se diferencia estritamente dos princípios que nós temos com a psicanálise do Lacan essa formulação. Embora a autora tenha

escritos poucos estudos a respeito, com exceção de um texto chamado *Duas notas sobre a criança* em que trata sobre essas duas perspectivas bases: a criança como lugar do sintoma e da criança no lugar do objeto (JORGE, 2017).

Em outros termos, funciona como sendo uma espécie de diagnóstica básica, afinal quando recebemos uma criança geralmente ou quase sempre ela vem com os pais. Neste sentido, há um trajeto diagnóstico de verificar o que é de responsabilidade dos pais, no sentido de perceber as angústias que incide nas crianças, ou seja, manifestações que podem ocorrer, ou seja, é importante levar a questão da angústia como critério fundamental para acolhê-la, que tipo de demanda ela articula e/ou não articula a demanda, há todo um trabalho que vai sendo escutado, pais e crianças até decidir quem é que pode beneficiado, eventualmente todos, num tratamento psicanalítico.

Dentro desse cenário que se apresenta é possível considerar o quão importante é o debate sobre a psicanálise, pois nos ajuda a compreender questões que estão implicados no indivíduo bem como outras que se fazem presente através das relações, nessa ótica, entende-se que proceder com o estudo sobre essa temática ou ao tecer provocações é possível desvelar uma gama de ideias e questões que precisam ser revisitadas e exploradas. No Brasil temos uma grande presença desses modelos de abordagens a partir de Lacan, uma delas está na obra “Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência”, de Michele Kamers, juntamente Rosa Maria Mariotto e Rinaldo Voltolini. Em contribuição a isso, na concepção de Bolsson e Benetti (2011):

É consenso entre as escolas da linha psicanalítica que a infância ocupa um lugar central na constituição e estruturação psíquica do sujeito. Pela importância desse período da vida, as diferentes abordagens psicanalíticas compreendem as vicissitudes da primeira infância como determinantes para a personalidade e para as escolhas futuras do sujeito. Todavia, a importância dada ao período da infância como momento fundamental do desenvolvimento humano, principalmente considerando os aspectos de estruturação do aparelho psíquico ligados à sexualidade e do desejo parental, é recente (BOLSSON; BENETTI, 2011, p. 2).

Os(as) estudiosos(as) nesse âmbito da psicanálise com crianças trazem diversas contribuições necessárias para que possamos entender o sofrimento da criança. Outro exemplo de obra extremamente importante para ajudar ampliar a discussão é o livro, “Crianças na psicanálise: clínica, instituição e laço social”, produzido por Ângela Vorcaro, autora com uma vasta experiência com o autismo, como também com a psicose na criança, e tem se destacado como uma grande referência teórica para psicanálise para crianças. Nesta perspectiva, há vários autores e autores clássicos e modernos que tem contribuído significativamente para o campo da

psicanálise, especialmente na psicanálise com crianças, tendo em vista que há muitas incompreensões acerca dessa tematização.

Na perspectiva de Tanis (2019):

[...] não são poucos os que se indagam sobre as tarefas que os psicanalistas precisam realizar para sobreviver com vitalidade no século XXI; e surgem diferentes respostas que consideram que somos possuidores de um legado extremamente valioso a preservar. No entanto, uns pensam que seria mais conveniente preservá-lo nos seus moldes mais tradicionais, enquanto outros acreditam que a melhor forma de preservar esse legado é manter-se fiéis a um movimento investigativo que não recue face aos novos desafios da clínica e da cultura, assim como o fizeram Freud e os pioneiros da psicanálise (TANIS, 2019, p. 94).

Nesse campo que aqui se apresenta chama atenção também os trabalhos de Michele Roman Faria entre um dos célebres trabalhos têm “O lugar dos pais na psicanálise de crianças”, aborda o lugar dos pais no tratamento com crianças. Considerando o contexto brasileiro é preciso tecer algumas provocações, visando ampliar e problematizar um pouco mais o estudo que se insere. Vale destacar que as primeiras menções à teoria psicanalítica expressam no Brasil, datam do final século XIX, é o que mostra a psicanalista e pesquisadora da história da psicanálise Marialzira Perestrello, para ser mais exata no sentido de temporalidade, a pesquisadora nos esclarece que o surgimento da teoria psicanalítica é do ano de 1899.

Foi também nesse período que o exímio psiquiatra Juliano Moreira, em sua cátedra de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia promoveu por meio suas aulas alusões bastante significativas e potenciais sobre a contribuição de Freud para os estudos relacionados na psicanálise, mesmo tendo uma variedade de críticos que veem em Freud incoerências bem como fragilidades em seus argumentos, contudo, Juliano Moreira explicitou as formulações teóricas relativas à neurose com base em Freud. Embora os debates e exposições sociais a respeito dos entendimentos psicanalíticos tenham iniciado o seu movimento no país em contexto e data tão remota, apenas a partir da década de 1920 que o estudo freudiano esteve maior desenvolvimento e importância no campo intelectual e científico brasileiro (SALIM, 2010).

Por meio de um levantamento extensivo como também desafiador visando encontrar produções que dessem sentido e corporeificação do que estava sendo produzido no contexto brasileiro com relação à produção psicanalítica durante a primeira metade do século XX, uma pesquisadora bastante respeitada e significativa no campo da psicanálise chamada Elisabete Mokrejes, explica na obra “A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico”, que no início dos anos 20 vários estudiosos das ciências médicas tiveram destaques, especialmente aqueles da psiquiatria já vinham abordando questões atinentes aos temas

excepcionalmente freudianos. Ao analisar atentamente o cenário em que as concepções tecidas em relação às questões ligadas às ideias freudianas que foram introduzidas no Brasil, são possíveis identificar a ocorrência de duas basilares esferas de introdução da psicanálise.

Em contribuição a isso, Lajonquière (2017):

A circulação e o desenvolvimento das ideias no decorrer dos tempos não obedecem a uma lógica linear e mecânica. Isso não é novidade, porém, esse sonho insiste em todos nós até quando dos destinos da psicanálise se trata. Assim, é bom lembrarmos que os desdobramentos da psicanálise inventada por Sigmund Freud descrevem há mais de um século circuitos inusitados. Não sei se esses são mais inusitados que aqueles dos outros campos, porém, certamente a psicanálise comparte com os saberes sociais e as humanidades o fato de suas implantações e desenvolvimentos estarem sujeitos às idiossincrasias existenciais da vida local (LAJONQUIÈRE, 2017, p. 20).

Por um lado, temos a teoria como uma ferramenta terapêutica que veio com uma enorme capacidade de subsidiar as práticas de atenção aos pacientes psiquiátricos, do outro lado destaca-se a apropriação da psicanálise no seio cultural, de modo que as ideias freudianas passaram a ser adotadas como um positivo teórico, uma vez que pode ser empregado significativamente sobre diferentes áreas do conhecimento, como a literatura e a educação. Nessa conjuntura em que a psicanálise passou ser cada vez mais ampliada e veio ganhando mais espaço no território brasileiro, muitos estudiosos como já mencionados anteriormente foram sendo difundidos e passaram a se tornar referenciais no campo da psicanálise.

É importante considerar que conforme Salim (2010) explicita a respeito da psicanálise no Brasil:

No Brasil, o pioneiro da Psicanálise foi Durval Bellegarde Marcondes. Nasceu em São Paulo, no dia 27 de novembro de 1899. Psiquiatra erudito, formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo em 1924, já no ano seguinte introduziu as ideias da Psicanálise na atividade clínica brasileira. Em 1927, escreveu a Freud comunicando a fundação, junto com Franco da Rocha, da Sociedade Brasileira de Psicanálise - a primeira da América Latina, que renasceu como Grupo Psicanalítico de São Paulo em junho de 1944 (SALIM, 2010, p. 3).

Intenta-se frisar que as iniciais formulações teóricas relativas à psicanálise de crianças começaram a se estruturar e a ser visibilizada por meio dos trabalhos e esforços de Melanie Klein e Anna Freud. Nesse ínterim, e tomando como base essas representações sobre a psicanálise se faz necessário compreender a potencialidade e contribuição dos estudos de Freud bem como daqueles que encontraram em Freud um fio condutor para a produção de novos estudos, o que resulta em novas perspectivas e contribuições para a sociedade e inegavelmente para o campo da psicanálise. Importa saber que a introdução da psicanálise no contexto

brasileiro se deu, a partir de meados da década de 1920, influenciando inquestionavelmente as práticas voltadas ao cuidado da criança no país, seja na área da saúde seja no campo da educação.

Destarte, com a finalidade de aprofundar nos estudos sobre como e quais as formas com que as primeiras informações concernentes à psicanálise de crianças foram incluídas no Brasil, assim como apresentar como estas ideias foram sendo entendidas pelos teóricos do território nacional e tantos outros que vieram a se debruçar sobre a psicanálise que a literatura brasileira é repleta de obras que explicitam a contribuição de especialistas do Brasil como basilares para qualificação e para produção de novos estudos, o que é extremamente satisfatório e relevante para aqueles/aqueles que com base em Freud encontraram outras formas de publicizar e aprofundar em territórios antes mesmo inabitáveis (COUTO; SILVA, 2018).

Em síntese, a psicanálise da criança sobre a ótica dos/das referenciais e pioneiros(as) teóricos da psicanálise que contribuíram significativamente para o campo da psicanálise mesmo que tenhamos abordado anteriormente individualmente de forma tímida, não podemos esquecer sob hipótese alguma de: Sigmund Freud; Anna Freud; Sabina Spielrein; Melanie Klein; Françoise Dolto; Donald Winnicott; Maud Mannoni; e Arminda Aberastury. O ponto em comum de todos(as) em relação a psicanálise da criança encontra-se na forma que criança era colocada, no lugar que merece (respeitada e ouvida a partir de seu próprio desejo).

O que se pode dizer é que se faz necessário considerar a importância de todos os estudiosos que necessariamente vem trabalhando com os estudos da psicanálise, outro ponto que merece destaque diz respeito ao fato de que a Freud tem contribuições inquestionáveis para chegarmos algumas conclusões que hoje temos, seja no campo da psicanálise propriamente dita, bem como em todas as outras áreas que vem se debruçando sobre a psicanálise. Na educação, por exemplo, a psicanálise tem sido cada vez mais revisitada por inúmeros pesquisadores.

### **As estruturas clínicas – neurose, psicose e perversão**

Antes de iniciarmos essa discussão é preciso entender que qualquer pessoa que nasce vai se constituir enquanto pessoa com personalidade, desenvolvimento. Nesse momento de constituição da identidade e da personalidade desse sujeito alguns fatores serão determinantes para que ele/ela possa conviver em sociedade, essa sociedade é vista para esse indivíduo como um mundo, como outro, por que está externo a esse sujeito. Quando nascemos já inicia a fase de constituição do sujeito, mas não só nascer, se desenvolver em contato com a família, com os

pais, ou seja, com quem estabelecemos contato social inicialmente que vai se perpetuando ao longo da vida.

Nesse sentido, esse sujeito vai se desenvolver dentro dessas clínicas, o que a psicanálise propõe é que existem para todos nós três clínicas psicanalíticas (neurose, psicose e perversão). Quando falamos três clínicas psicanalíticas estamos nos referindo a três estruturas aonde o sujeito vai se encontrar dentro da sua realidade em relação ao mundo que é o outro. Vamos agora compreender cada uma dessas estruturas, a perversão é uma estrutura clínica na psicanálise que sugere conforme as teorias psicanalíticas que um indivíduo é perverso propriamente dito na palavra.

Levando em consideração essa narrativa, de acordo com Chaves (2018):

Com suas estruturas clínicas, a psicanálise se sustenta na existência do “inconsciente estruturado como linguagem”, suportada por dois pilares fundamentais: Freud, seu descobridor-criador-fundador, e Lacan, seu seguidor-defensor-progressor dos significantes freudianos – nos assinalando a eficiência do percurso e nos revelando a eficácia do tratamento. É sabido que Freud fez a descoberta do inconsciente durante o atendimento de suas “pacientes histéricas”, que apresentavam sintomas de conversão somática e exigiam a liberdade de falar livremente de seu sofrimento (CHAVES, 2018, p. 56).

Para deixar a explicação mais objetiva, seguimos ao exemplo: um determinado sujeito que se sente indiferente à morte, ou melhor, que mata, é um psicopata, por exemplo, essa perversão que faz com que esse indivíduo tenha esse contato com o outro não tem sentimento algum, é indiferente dentro dessa clínica estrutural. Vale ressaltar que na psicanálise chamaremos esse indivíduo de perverso, e não de psicopata. Em contribuição a isso, é importante levar em consideração que na perversão o indivíduo entende que existem normas, são capazes de reconhecê-las, entretanto inclina-se a transgredi-las.

No entendimento de Calligaris (1989):

Qualquer tipo de estruturação do sujeito é uma estruturação de defesa, no sentido freudiano, no sentido em que Freud fala de psicose de defesa. É uma estruturação de defesa na medida em que se subjetivar, existir como sujeito, – barrado pela castração, como na neurose, ou não, como na psicose – obter algum estatuto simbólico e alguma significação, é necessário que o sujeito seja algo distinto do Real do seu corpo, algo Outro e mais do que alguns quilos de carne. Por isso, o sujeito se estrutura em uma operação de defesa (CALLIGARIS, 1989, p. 13).

Retomando um pouco da discussão, entende-se que na perversão ao invés do indivíduo sentir culpa e/ou remordimento, o mesmo costuma deleitar-se desses momentos, não expressando quaisquer sinais de ansiedade, pelo contrário, a ansiedade apenas surge nas

ocasiões em que deseja transgredir e não consegue. Além disso, o perverso costuma concretizar seu desejo de perturbar a ordem natural das coisas, as normas estabelecidas, através de dois grandes grupos de comportamento: a perversão social e a perversão sexual. Em relação à neurose, é importante sinalizar que esta estrutura da personalidade que está profundamente conectada à angústia.

Em contribuição a isso, é preciso entender que o indivíduo consegue alimentar um pensamento racional e diferir o certo do errado, além disso, a pessoa tem a precisão de acompanhar as normas e fazer aquilo que é correto, sentindo-se delatada quando não consegue cumprir com essa expectativa. As atividades habituais do cotidiano do indivíduo não se vêm atingidas pela estrutura neurótica, entretanto a pessoa não consegue solucionar de forma convincente os conflitos internos. Logo, quando foge à regra, carece esclarecer seu comportamento, e para isso busca argumentos que falem de necessidade ou merecimento (CARVALHO, 2019).

Apesar disso, não consegue se sentir aliviada. Destarte, na neurose, a culpa e a ansiedade caminham juntas. Vários especialistas envolvidos nesses estudos declaram que a maneira como a pessoa lida com essa ansiedade é o que a encaixa entre a fóbica, a histérica e a obsessiva, sendo esta três tipos de neurose. Nesse sentido, quando acontece a adição de numerosos fatores que promovem a manifestação de um transtorno mental, estas manifestações têm um adequado prognóstico de tratamento e podem compreender transtornos de ansiedade e humor. No que tange a psicose, é importante ressaltar que se trata de uma estrutura da personalidade que prejudica a percepção e o pensamento da pessoa, uma vez que afeta sua competência de julgamento.

Conforme expressam estudiosos(as) sobre a psicanálise e as estruturas clínicas, a exemplo de Barbosa, Dias e Moya (2012) trazem que:

Estudos definem a psicose como um processo deteriorativo das funções do ego, que pode comprometer, em graus variáveis, o contato do indivíduo com a realidade. Logo, é possível entender a psicose como um distanciamento do ego (a serviço do id) da realidade, com predomínio do id (e não o princípio da realidade) sobre o ego em si. Estudos lacanianos afirmam que cabe à psicanálise teorizar a clínica da psicose para além do registro simbólico, e permitir assim a distinção da clínica da neurose da clínica da psicose (BARBOSA; DIAS; MOYA, 2012, p. 1).

Nesse contexto no qual se inscreve, é relevante trazermos para o debate que a estrutura clínica psicose enquanto estrutura de personalidade costuma estar atrelada a transtornos psíquicos mais graves e crônicos. Destarte, quando acontece um surto psicótico, é comum que

a pessoa tenha alucinações e medo paranóico. Vale lembrar que os seus sintomas são mais intensos e constantes, afetando de forma negativa a rotina e crítica da pessoa, como acontece na manifestação da esquizofrenia. Diversos especialistas destacam que está é uma das estruturas de personalidade mais perigosas, porque os psicóticos são capazes de atos extremos sem mostrar qualquer remordimento.

Diante do posicionamento Freire (2019):

O sujeito psicótico vivencia uma realidade única e seu mundo não é facilmente compartilhado, há uma dificuldade em se adentrar no universo subjetivo da psicose, pois cada sujeito possui a sua particularidade, uma história de vida, e cada um busca uma forma de organização diante de seus impedimentos. Portanto não podemos uniformizar as psicoses (FREIRE, 2019, p. 82).

Nesse sentido, é preciso salientar que quando o sujeito é bastante inteligente, todo esse potencial é empregado para controlar, manipular e conseqüentemente para submeter aqueles que estão ao seu redor. Outro aspecto que merece destaque é que na manifestação de transtornos mentais desta estrutura podemos destacar: desvio de caráter e esquizofrenia, sociopata. Especialistas que tem se debruçado no trabalho com relação as estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão), tem contribuído especialmente na forma com elas ainda continuam sendo entendidas, visto que há uma manifestação de pensamentos sobre essas estruturas de forma incongruentes sobre como se articular bem como sobre como elas são entendidas especialmente no atual contexto social, uma vez que há novos referenciais teóricos que tem revisitado muitos conceitos e concepções elucidadas no entendimento de Freud.

Essas categorias clínicas podem ser utilizadas principalmente dentro do que podemos chamar de psicanálise ortodoxa, as teorias de Freud e as teorias de Jacques Lacan - são três categorias muito importantes na obra desses autores, podemos dizer que basicamente que neurose, psicose e perversão são três posicionamentos diante da vida, porque para esses dois autores do ponto de vista deles a nossa relação com o mundo é sempre uma relação marcada pela insuficiência ou como diz Lacan pela existência da falta. Implica dizer que nós nunca podemos atingir uma satisfação plena na vida, a nossa satisfação é sempre parcial porque nós somos seres faltosos, não somos completos, temos uma falta. Então, neurose, psicose e perversão podem ser três atitudes e/ou posicionamentos possíveis diante da falta (MIELI; MENDES, 2012).

Na neurose o sujeito reconhece a existência da falta, ou seja, reconhece que a vida é marcada pela insuficiência, pela incompletude, mas o neurótico entende essa

incompletude/insuficiência como impotência, logo, o neurótico continua acreditando e tendo a esperança de que um dia vai ser possível obter uma satisfação plena, que a felicidade está em algum lugar, em algum momento. Nesse sentido, queixa-se o tempo todo da existência dessa insuficiência, dessa falta, ele vai para análise em busca de encontrar essa satisfação plena e a função da análise do ponto de vista de Freud e Lacan é justamente conseguir mostrar para o neurótico que essa insuficiência da ordem da impossibilidade, de que realmente não têm como obter uma satisfação plena nessa vida.

Corroborando com este pensamento, Resende e Calazans (2013) nos traz uma leitura bastante interessante sobre o termo neurose no contexto histórico:

O termo neurose é proveniente da escola escocesa de patologia mental, que realizava, no século XVIII, estudos sobre a irritabilidade e a sensibilidade dos tecidos orgânicos. Irritabilidade e sensibilidade não significam localização de lesão. Os estudos da escola escocesa são anteriores ao método anátomo-clínico. Essa relação com não-lesão marca a história da neurose até hoje. Para os escoceses, o sistema nervoso seria o regulador de todos os fenômenos vitais, seja da saúde, seja da doença. Desse modo, a neurose seria uma afecção do sistema nervoso sem febres e sem a possibilidade de imputar uma lesão localizável (RESENDE; CALAZANS, 2013, p. 153-154).

O perverso por outro lado é aquele que considera que descobriu o segredo para essa satisfação plena, por esta razão que o perverso não busca a análise, uma vez que considera que essa satisfação plena está em um determinado fetiche, objeto ou numa prática sexual específica, e o psicótico por sua vez é aquele que nem ouviu falar na existência de uma falta, ou seja, que permanece preso a uma etapa anterior ao reconhecimento da falta, dessa impossibilidade. Assim, o psicótico permanece aquém disso, implicando dessa forma as manifestações na psicose (delírio, alucinações e etc), mas como é que se estabelecem essas três posições diante da vida do ponto de vista de Freud e Lacan? Para explicar o estabelecimento dessas três posições Freud descreve o que hoje conhecemos como o Complexo de Édipo já abordado no início desse ensaio.

Trazendo um pouco da contribuição de outros referenciais da psicanálise, e mais especificamente do termo perversão para Roudinesco (2007):

É um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas: O que faríamos se não mais pudéssemos designar como bodes expiatórios – ou seja, como perversos – aqueles que aceitam traduzir por seus atos estranhos as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos? (ROUDINESCO, 2007, p. 15).

Quando Freud nos esclarece os processos constitutivos do Complexo de Édipo bem como a sua narrativa conceitual e explicitava, o teórico usa uma passagem mitológica para clarear um pouco do que vem a ser esse Complexo, e isso é possível de ser identificado também sobre a ótica de diversos psicanalistas que tem como Freud como referência, mesmo aqueles que veem em Freud um teórico que pensou no Édipo de forma bastante dúbia e/ou inconsistente, mas utilizam de suas obras para diversas análises, até para tecer provocações de forma extremamente críticas se faz necessário conhecer quem foi, é, e o que este/esta representa para a sociedade bem como para as construções teóricas que veio e vem sendo pautas de vários estudos.

Por isso que Lacan tentou encontrar por trás dessa narrativa expressa por Freud algo de ordem estrutural, ou seja, que independeria da situação familiar, que não exigiria a presença de um pai e uma mãe e de uma criança nessa relação triangular e Lacan vai encontrar essa estrutura na própria condição humana. A condição humana do ponto de vista de Lacan é marcada pela existência da linguagem, a linguagem nos atravessa com também faz esse processo de mediação entre nós e o mundo, então podemos dizer que a própria existência da linguagem já produz uma espécie de castração em todos nós.

### **Caminho Metodológico do Estudo**

Na perspectiva de Fonseca (2002, p. 12), “[...] a metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica”. Nessa ambiência, faz-se necessário entender que metodologia e métodos são conceitos diferentes assim como suas funções, pois a metodologia se preocupa pela validade do caminho escolhido para se chegar a um objetivo proposto pela pesquisa, por conseguinte, não deve ser confundida com o conteúdo (teoria) nem com os procedimentos (métodos e técnicas).

O estudo se caracteriza como sendo de natureza bibliográfica fundamenta nos princípios teórico-metodológicos de Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. No que se refere à abordagem, o estudo se qualifica como sendo de cunho qualitativo alicerçado em Minayo (2001) e de caráter exploratório (GIL, 2007). Cervo, Bervian e Silva (2007) salientam que a Pesquisa Exploratória

é o primeiro passo a ser tomado no procedimento da pesquisa pelo seu aprofundamento nos mínimos detalhes da organização, ela é responsável por contribuir na formação de novas hipóteses consideráveis para seguintes consultas. Sobre a pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002) sinaliza que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Importa saber que a pesquisa buscou por meio e artigos de periódicos científicos disponibilizados na biblioteca virtual SciELO, Google acadêmico, banco de teses e dissertações. O estudo ressaltou aspectos referentes aos temas: complexo de Édipo, psicanálise de criança, Sigmund Freud, e outras temáticas que podem ser visualizadas ao longo do estudo de forma contextualizada.

### **Considerações Finais**

Compreendemos através da pesquisa que o Complexo de Édipo assim como a castração tem sido cada vez mais pesquisado, no entanto, o que se percebe é que muitos estudos têm abordado esta temática sobre várias perspectivas, mas o que chama atenção é que ainda notam-se muitas divergências quanto ao assunto. Destarte, para nós da psicanálise é muito importante compreender esses conceitos fundamentais que foram nos colocados não só de compreensão por meio da psicanálise e através da ideia de Freud mais também por teóricos como Lacan que fez um retorno ao trabalho de Freud.

Muitos profissionais, inclusive, já em atuação têm dificuldade de entender e separar o que é castração e o que é Complexo de Édipo. Quem conhece como se deu e o que é o Complexo de Édipo, sabe que ele foi criado com base numa analogia de uma história da mitologia grega, de Sófocles, mas quando trazemos para o lado clínico pegamos como base algumas coisas importantes para poder saber o que é Édipo, como por exemplo, suas fases. Então, podemos começar a compreender o Édipo partindo do ponto em que todos os indivíduos homem ou

mulheres vão passar por essa fase, contudo, tem um ponto diferente, é que cada um vai passar de um modo diferente.

A compreensão sobre o Complexo de Édipo hoje tendo em vista a variedade de nomenclaturas para família, incita cada vez mais a entendê-lo e assim desmistificar muitos conceitos que foram sendo apregoados conforme o tempo e principalmente diante da narrativa de muitos autores que fazem críticas sobre o Édipo e a castração, mas o que se empenhou aqui foi debruçar sobre estes conceitos de forma contextualizada, com base em referenciais da psicanálise bem como daqueles que significativamente nos ajudaram a conhecer o que é o Complexo de Édipo e a castração sobre uma ótica peculiar, mas fundante para estudos como esse que se insere.

Neste sentido, compreender o Complexo de Édipo dentro dessa sequência, ou melhor, nomenclaturas de família hoje, são importantes também para nós enquanto analista, é importante entender que o Complexo de Édipo é uma fase que todos irão passar, independentemente, e que ocorre geralmente entre 2 a 3 e em alguns casos 4 anos de idade, isso varia de indivíduo para indivíduo, o que justifica isso é que para Lacan a fase do Complexo de Édipo ocorre a partir da construção do simbólico em especial da linguagem. Quando o indivíduo começa a ter a compreensão da linguagem ele vai também a partir daí ter outra compreensão do outro.

O complexo de Édipo é marcado pelo que conhecemos como afastamento, quando falamos em afastamento estamos nos referindo à figura materna. É fato que o menino e/ou a menina tem esse contato com a mãe desde o útero, quando nasce há uma quebra do cordão umbilical, sendo este um dos primeiros momentos de afastamento, mais ainda não é o Complexo de Édipo, mas ao mesmo tempo o menino ou a menina tem a essência, conhece por meio do seio da mãe essa proximidade porque o seio da mãe não tem só uma função de prazer, de necessidade fisiológica, mas se olharmos por o lado do prazer, e desenvolvimento pulsional tem-se como base que a criança além da satisfação do prazer, da alimentação também começa a ter a sensação de carinho assim como de segurança que foi forjado através desse contato com a mãe (figura materna).

Dentro desse contexto, se faz necessário destacarmos que quando a criança tem a construção do simbólico dessa noção de separação de que ela não é o único desejo, e não é a única pessoa que tem essa relação com a mãe inicia-se nesse momento o ápice do Complexo de Édipo. Então desse jeito quando ela tem essa constituição que ela não é um único objeto, temos nesse caso um Complexo de Édipo, vale lembrar que o Complexo de Édipo que conhecemos

com aquela triangulação (mãe, pai e filho/filha) também pode ser marcada por diversos padrões de família, mas ela é marcada em especial por essa construção.

Sobre esse entendimento é importante nos questionarmos: O que isso influencia na vida de um sujeito futuramente? Essas marcas desse momento de ruptura, de afastamento que a criança percebe é muito forte. Embora muitas das vezes as pessoas associam que o Complexo de Édipo é algo simbólico e/ou tranquilo. O Complexo de Édipo para a psicanálise é fundamental para compreensão das estruturas clínicas em psicanálise, aquela estrutura: neurose, psicose e perversão começam a partir da compreensão do Complexo de Édipo, até mesmo porque nesse processo temos a construção de uma instância psíquica que é o Superego.

Neste sentido, a discussão sobre esses conceitos possibilitou compreendemos como esses aspectos vão se constituindo em nosso desenvolvimento, mesmo que na literatura possua uma variedade de estudos sobre esses conceitos é importante desvelarmos outras óticas que estão sendo forjadas para nos ajudar a entender cada vez mais sobre esse universo, o que contribui significativamente para outras produções bem como para o conhecimento de professores, estudantes, pesquisadores, leitores e especialistas que incansavelmente tem corroborado para desmistificar a compreensão sobre esses conceitos de forma compromissada.

## Referências

BARBOSA, I. M. R.; DIAS, M. R.; MOYA, C. I. S. **Diferenças estruturais e sintomáticas entre neurose e psicose segundo a psicanálise**. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2012. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2010/anais/arquivos/0927\\_1089\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0927_1089_01.pdf)

BARRETTA, J. P. F. **O complexo de Édipo em Winnicott e Lacan**. Psicologia USP, v. 23, n. 1, p. 157-170, 2012.

BOLSSON, J. Z.; BENETTI, S. P. C. **Angústia infantil**: um estudo de caso clínico. Aletheia, n. 34, 2011.

CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Série Discurso Psicanalítico). 1989.

CARVALHO, J. S. **O Édipo e sua incidência nas estruturas clínicas**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí/RS, 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORSI, E. M. **Para além interpretação britânica**: as traduções de Freud e suas consequências para a clínica psicanalítica. Tese (doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

COSTA, T. **Édipo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

COUTO, D. P.; SILVA, M. L. **A psicanálise de crianças no Brasil**: um relato histórico. Revista Psicologia em Pesquisa, v. 12, n. 3, 2018.

CHAVES, M. E. **Estruturas clínicas em psicanálise**: um recorte. Reverso, v. 40, n. 76, p. 55-62, 2018.

FARIAS, T. M. S.; NANTES, E. S.; AGUIAR, S. M. **Fases psicosexuais freudianas**. Simpósio Internacional de Educação Sexual: Femininos, identidade de gênero e políticas públicas, Universidade Estadual de Maringá, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2020.

FIORINI, L. G. **Repensando o complexo de Édipo**. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 48, n. 4, p. 47-55, 2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORMIGONI, M. C. **O que é uma criança para a psicanálise?** Considerações sobre a estrutura e o infantil. Dissertação (Mestrado em psicologia social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2013.

FREIRE, M. C. **Os caminhos da psicose na psicanálise**: revisitando as memórias de um doente dos nervos. Revista Ciência (In) Cena, n. 8, p. 81-93, 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAUSEN, D. C. **Cinema e Psicanálise**: O conceito de castração em transversal. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 2013. 240 p. v. 44.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. v. 3. A prática analítica. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

LAJONQUIÈRE, L. **Elucidação comparativa dos estudos em psicanálise e educação na França e no Brasil**: a psicanálise aplica-se à educação?. Educar em revista, n. 64, p. 19-33, 2017.

MIELI, P.; MENDES, E. R. P. **Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão**. Reverso, v. 34, n. 63, p. 91-102, 2012.

MILLER, J. A. **A criança entre a mulher e a mãe**. Opção lacaniana, v. 21, p. 7-12, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOREIRA, J. O.; BORGES, A. A. P. **A castração e seus destinos na construção da paternidade**. Psicologia Clínica, v. 22, n. 2, p. 71-81, 2010.

MOREIRA, J. O. **Édipo em Freud**: o movimento de uma teoria. Psicologia em Estudo, v. 9, n. 2, p. 219-227, 2004.

MOTTA, C. R.; SILVA, L. R.; CASTRO, H. **A psicanálise da criança um estudo de caso**. Revista de Ciências Médicas e Biológicas, v. 9, n. 1, p. 89-94, 2010.

- PENNA, E. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. Psicologia USP, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2005.
- PERESTRELLO, M. **Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1899-1937)**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 35, n. 4, p. 195-204, 1986.
- RESENDE, M. S.; CALAZANS, R. **Neurose e psicose na CID-10 e DSM-IV: o que é ignorado?**. Analytica: Revista de Psicanálise, v. 2, n. 3, p. 145-174, 2013.
- ROSA, C. D. **O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott**. Natureza humana, v. 11, n. 2, p. 55-96, 2009.
- ROUDINESCO, E. **La part obscure de nous-même Une histoire des pervers**. Paris: Albin Michel, 2007.
- SALIM, S. A. **A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais**. Mental, v. 8, n. 14, p. 1-10, 2010.
- SANTOS, E. F. **Reflexões acerca do conceito de castração no contemporâneo**. Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí/RS, 2018.
- SANTOS, J. C. **O Complexo de Édipo e o complexo de castração nos Estados limítrofes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teoria Psicanalítica) - Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2017.
- SANTOS, J. L. G.; COSTA-MOURA, F. **Angústia de castração e objeto: limites do processo analítico**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 13, n. 3, p. 922-938, 2013.
- SENA, N. C. B. **O amor na psicanálise freudiana: neurose, sintoma e fantasia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2018.
- TANIS, B. **A psicanálise e suas clínicas**. Revista Conteúdo PSI, v. 1, n. 1, v. 1, 2019.
- TEIXEIRA, L. M. P. **A Estruturação do Complexo de Édipo nas famílias contemporâneas**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, Rio das Ostras/RJ, 2017.
- ZAIDAN, E. **Um retorno ao inconsciente freudiano**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2019.
- ZANETTI, S. A. S.; HÖFIG, J. A. G. **Repensando o Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 36, n. 3, p. 696-708, 2016.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

MIGUEL, Joelson Rodrigues; BRAGA, Heuthelma Ribeiro. Édipo e Castração: Aspectos atinentes a constituição do sujeito. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 532-561, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 31/08/2021;

Aceito: 13/09/2021;

Publicado: 31/07/2021.